



GT 61. Novas Epistemologias E Perspectivas No/Do Fazer Antropológico

Coordenador(es):

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Angela Maria de Souza (UNILA)

Sessão 1 - Conhecimento em movimento, Corpo Negro e "Afroestratégias" na elaboração Antropológica.

Debatedor/a: Alexandra Eliza Vieira Alencar (UFSC)

Sessão 2 - Quem fala? Quem escreve? Os deslocamentos na produção de conhecimento.

Debatedor/a: Joziléia Daniza Jago Inacio Jacodsen Schild (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Confluências no fazer antropológico.

Debatedor/a: Maíra Samara de Lima Freire (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

“Nós somos os outros, você é a menina preta do nordeste, e eu, o indígena do norte”. Visamos reunir neste espaço, estudos que abordem propostas de pesquisadores(as) que se deslocam deste lugar do outro e constroem uma narrativa de subjetividade implicada com epistemologias antropológicas, na construção das ciências humanas, a partir da perspectiva de sujeitos que existem em diferentes contextos que outrora foram locais centrais para a reflexão sobre alteridade. Hoje, estes contextos passam a ser locus participativo num processo de transformação social ocorrido na última década (Munanga, 2016; Gomes; 2012; Benites, 2018). Partindo da ideia de que os sujeitos que agora constroem suas propostas teóricas são pessoas que experienciaram seus cotidianos de vida nos contextos historicamente conhecidos como locais de “trabalho de campo” da antropologia brasileira. Visamos expandir o debate a partir das reflexões propostas por estes pesquisadores, partindo de suas produções, vivências e experiências em reflexões antropológicas. Objetivamos assim, construir espaços que fomentem o debate sobre novas epistemologias no fazer antropológico, como forma de expansão de suas lutas produções de conhecimentos e reivindicações por direitos, localizadas no campo acadêmico. A proposta é ampliar e aprofundar o debate sobre as produções e os intelectuais, traçando paralelos, num ponto de intersecção cruzado de pensar novas e outras perspectivas de ser intelectual na antropologia brasileira.

Ativismo de cabelo: os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra

Autoria: Rafaela Cristina de Souza Queiroz (Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz)

O racismo com relação à estética negra e a estrutura do cabelo negro crespo/cacheado tem impactos negativos na autoestima da mulher negra. O estudo é centrado nas ações do Encrespa Geral Manaus, Instituto de Promoção Humana, desenvolvimento social e Cultura, grupo que trabalha a valorização e a afirmação da estética negra como um ato político de resistência, no qual abordo como uma onda de ativismo de cabelo protagonizado principalmente por mulheres negras. Trata-se também neste estudo dos efeitos do racismo na autoestima da mulher negra no que se diz a recusa do cabelo natural e as saídas para se enquadrar num padrão estético racista. Foi realizado um estudo de natureza bibliográfica, para melhor interpretação dos termos e conceitos apresentados na pesquisa. O work em questão é uma etnografia realizada junto ao grupo Encrespa Geral Manaus, que realiza atividades voltadas para a valorização da estética negra em grupos nas mídias sociais e com mulheres negras fora dessas esferas. Conta também com



uma pesquisa quanti/qualitativa aplicada dentro dos grupos de mídias sociais. Através da pesquisa se perceberá a necessidade de sensibilidade ao ouvir e transcrever as narrativas dessas mulheres negras, pois são carregadas de emoções que remetem ao sofrimento delas referente à estética negra e à identidade étnico-racial e, mais ainda, eu sou uma delas, apesar de estar na posição de pesquisador nossas narrativas e vivências são similares. O racismo tem grande impacto em nossas vidas influenciando como a gente se vê e percebe com os seus cabelos crespos/cacheados ao ponto de afetar a nossa autoestima, o racismo não dá descanso para as pessoas negras, levando mulheres negras internalizarem sobre si pensamentos ruins e de inferioridade tendo influências negativas na saúde mental delas. O work em questão traz uma particularidade a qual consta nas discussões, em sua maioria, negras e mulheres.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: